

A luta de classes: uma história política e filosófica

DOMENICO LOSURDO

São Paulo: Boitempo, 2015, 397p.

*Matheus Boni Bittencourt**

Como fica evidente pelo título, ao longo dos seus doze capítulos o mais recente livro do filósofo e historiador Domenico Losurdo aborda a questão das lutas de classes: “quais são as múltiplas lutas de classes, ou seja, as múltiplas configurações da luta de classes?” (p.15). “Lutas de classes”, com todos os termos no plural. Trata-se da defesa de um conceito ampliado de luta de classes, que passa a ser definido como uma teoria geral do conflito social. Tal como define o autor:

Em sua mais madura formulação, a teoria das “lutas de classes” configura-se como uma teoria geral do conflito social e reflete teoricamente e estimula ao mesmo tempo uma multiplicidade de lutas pelo reconhecimento. Mas não é fácil elevar-se e manter-se à altura desse ponto de vista; não raras vezes, personalidades e movimentos engajados numa frente de luta não prestam atenção ou até olham com desdém para outras frentes. (p.121)

No sentido estrito, a luta de classes, no singular, é o antagonismo entre classes dominantes ou proprietárias e classes dominadas ou trabalhadoras, girando o conflito em torno do sistema de posse dos meios de produção que assegurem determinada modalidade de reprodução social. No sentido ampliado, as lutas de

* Pesquisador associado do Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias (NEI) da Ufes. E-mail: matheusbonibittencourt@gmail.com.

classes, no plural, abrangem igualmente a “questão nacional”, que se desenvolve tanto no plano internacional – em torno da questão colonial e vai das guerras à dependência econômica – como no plano intranacional – com toda sorte de conflitos étnicos, raciais ou nacionais dentro dos países. Abrange, ainda, os conflitos domésticos, sobretudo a opressão da mulher pelo homem, e dos filhos pelos pais, com repercussões importantes na esfera pública. Por último, é preciso deixar claro que há “contradições” até mesmo entre as diferentes frações dos estratos sociais mais amplos: entre o proletariado e o lupemproletariado, entre classes dominantes modernas (burguesia) e tradicionais (nobreza), as diferentes burguesias e proletariados nacionais, recortes de gênero dentre as classes sociais e nações e, evidentemente, entre classes sociais dentro de cada nação (o que era o elemento de complexidade mais ressaltado no sentido estrito).

Esses diferentes aspectos colocam a ideia de luta de classes para além da noção restrita de uma luta redistributiva “de soma zero”, pois, como ressalta Losurdo, “o conflito social é ao mesmo tempo uma luta pelo reconhecimento; isto é, a teoria geral do conflito social é também uma teoria geral da luta pelo reconhecimento” (p.115). Enfatizando as raízes hegelianas tanto da luta de classes como da luta pelo reconhecimento, Losurdo contribui para estabelecer uma ponte entre o marxismo, fundado na noção de luta de classes, com o “progressismo” “pós-marxista” contemporâneo, preocupado com a alienação ou reificação, racismo, machismo e até a ecologia, pois:

Longe de basear-se em uma “relação de coerção singular, o sistema capitalista mundial é o entrelaçamento de múltiplas e contraditórias “relações de coerção”. O que decide a colocação final de um indivíduo (e de um grupo) no campo dos “oprimidos” ou no dos “opressores” é, por um lado, a hierarquização dessas relações sociais segundo sua relevância política e social em uma situação concreta e determinada; por outro, a escolha política do singular indivíduo (ou do grupo). (p.137)

Alguém poderia objetar, a essa altura, que, assim definida, as lutas de classes ficam amplas demais, o que poderia ser entendido como uma reformulação *ad hoc* feita para salvar um conceito que foi refutado pela experiência histórica: as lutas de classes assimilariam, então, desde o conflito de classes, no sentido estrito, até guerras coloniais ou intercoloniais (como as guerras mundiais), conflitos étnicos internos aos países, opressão doméstica de gênero. Além dessa multiplicidade de conflitos, abrangeria ainda relações objetivas de poder e escolhas individuais, relativas à consciência e subjetividade. Ficaria em dúvida a utilidade de utilizar ainda o conceito de lutas de classes para designar conflitos que se dão além das classes e frações de classes. A objeção, no entanto, prende-se a problemas de semântica e terminologia, que não parecem ser o alvo de Losurdo: sua preocupação principal é enfatizar a necessidade de interligação entre as diversas dimensões das lutas pelo reconhecimento e pela emancipação, aliando a concepção marxista clássica às questões “pós-coloniais” e de gênero, com destaque para a complexa interação entre lutas de classes e lutas étnicas e nacionais.

Fica assim estabelecida a dupla polêmica contra um conjunto heterogêneo de concepções políticas: de um lado, aquelas que pretendem anular, suprimir ou negar as lutas de classes, de John Stuart Mill a Francis Fukuyama. De outro, aquelas que concebem a luta de classes de maneira simplista e mistificada, tomando uma luta entre opressores e oprimidos como a única possível, desde o rechaço de Proudhon contra o feminismo, taxado de “pornocracia”, até algumas correntes que anulam os conflitos de classes e internacionais em prol dos conflitos étnicos ou de gênero internos aos países, ou, pelo contrário, colocam a luta entre classes dominantes e dominadas como o único antagonismo que importa, desprezando todos os demais. Losurdo não pretende em momento algum apresentar-se como neutro ou imparcial: seu estilo é polêmico e não poupa alguns monstros sagrados do pensamento social contemporâneo e progressista, como Friedrich Nietzsche, Hannah Arendt ou Jürgen Habermas.

E, do mesmo modo, não se furta à polêmica ao abordar problemas muito espinhosos: as tentativas de construção do socialismo na União Soviética e China. O que representa uma demonstração de coragem intelectual, dado o caráter trágico e traumático dessas experiências para as diversas correntes socialistas. Losurdo polemiza abertamente contra um discurso “antiprodutivista”, que trazia, por exemplo, o rechaço a medidas econômicas e administrativas que, no processo de construção do socialismo, procuravam elevar a produtividade do trabalho por meio de políticas de incentivos que traziam riscos de retorno da desigualdade e pressão sobre os trabalhadores. O autor contra-argumenta que a despreocupação com a produtividade leva à “socialização da miséria”, especialmente em países periféricos e atrasados. Além disso, a guerra contrarrevolucionária não se restringe aos elementos militares, abrangendo também frentes econômicas e ideológicas importantes, com impactos tão ou mais devastadores.

O ponto mais questionável do seu livro é a analogia entre a “nova política econômica” do governo Lenin na URSS e o “socialismo de mercado” introduzido por Deng Xiaoping na China. Em alguns trechos tem-se a impressão de que, para Losurdo, a hegemonia socialista na China seria garantida pela contraposição diplomática à supremacia estadunidense e pelos instrumentos de planejamento econômico do governo nominalmente comunista chinês, enquanto seriam secundários a crescente desigualdade econômica, o persistente autoritarismo político e as possíveis conexões entre o Partido e a nova burguesia chinesa. Poder-se-ia objetar que a hegemonia política na China seria nacionalista (não necessariamente anti-imperialista), em vez de socialista. O nacionalismo e a cautela da liderança chinesa ao introduzir as reformas econômicas seriam as diferenças principais com o processo de Restauração Capitalista no antigo Bloco Soviético, onde se impôs uma liberalização econômica radical, de impactos sociais catastróficos. Não se pode negar a Losurdo, entretanto, o mérito da cuidadosa e erudita contextualização histórico-social desses dilemas e a ousadia de enfrentá-los, numa época em que a crise do capitalismo não parece ser respondida por qualquer alternativa pós-capitalista viável.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

A origem da noção de ontologia de Lukács
Nicolas Tertulian

O espaço político em Marx
Adriano Codato

Classe operária e classes médias
John Milios e George Economakis

Marxismo e movimentos sociais
Andréia Galvão

O PCB e o governo nacionalista e democrático
Anita Leocádia Prestes

32